

Acidente ofídico em adolescente: Relato de caso

Ana Beatriz Teodoro Borges¹ ; Anna Luiza Pires Vieira^{2,3} ; Edson Luiz de Lima^{3,4} ; Eugênio Fernandes de Magalhães⁴ ; Fernanda Cabral Oliveira⁵ ; Ingrid Stephany Domingues da Silva⁴

1 HC-UFU Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG; 2 UNIFESP Universidade Federal do Estado de São Paulo, São Paulo/SP; 3 HCSL Hospital das Clínicas Samuel Libânio, Pouso Alegre/MG; 4 UNIVÁS Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre/MG; 5 UNIFAE Centro Universitário das Faculdades de Ensino, São João da Boa Vista/SP

E-mail: anabeatrizteodoroborges@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os acidentes por animais peçonhentos, apesar de não serem frequentes na criança, quando ocorrem são de maior gravidade do que no adulto. Estima-se que ocorrem no Brasil cerca de 20.000 casos de acidentes ofídicos por ano, porém não se conhece a real incidência desses acidentes na infância.

RELATO DO CASO

Adolescente, sexo masculino, 12 anos de idade, deu entrada no serviço de emergência, aproximadamente 2 horas após ter iniciado com sonolência, turvação visual, ptose palpebral bilateral e mialgia intensa que dificultava deambulação devido picada. O gênero provável foi então identificado como *Crotalus*, e o acidente classificado como grave. Exames laboratoriais mostravam alterações importantes de coagulograma e níveis elevados de creatinofosfoquinase (CPK). Além do soro anti-crotálico, recebeu hidratação rigorosa, transfusão de plasma fresco congelado e vitamina K. Foi iniciado antibioticoterapia devido alterações no local da picada. Durante a internação, não houve alteração de função renal e os sinais e sintomas foram se recuperando progressivamente.

DISCUSSÃO

A incidência dos acidentes ofídicos no Brasil é majoritária no brotrópico (90%), seguido do crotálico (7%). A conduta rápida possui grande valor na evolução do caso e desfecho clínico. O veneno crotálico possui ação neurotóxica, miotóxica e coagulante. As manifestações locais, como dor e edema discreto, às vezes, parestesias, são menores. As sistêmicas surgem nas primeiras horas do evento, tipicamente pela fascies miastênica, podendo também apresentar diplopia, diminuição do reflexo de vômito, dores musculares. O prognóstico é bom nos casos leves e moderados e naqueles atendidos nas primeiras horas da picada.

CONCLUSÃO

Na ausência do diagnóstico de certeza pela localização do animal peçonhento, é importante que o profissional tenha conhecimento dos principais gêneros da região e identificação dos achados clínicos correlacionados.

REFERÊNCIAS

CUPO, Palmira; MARQUES, Marisa M. Azevedo; HERING, Sylvia Evelyn. Acidente crotálico na infância: aspectos clínicos, laboratoriais, epidemiológicos e abordagem terapêutica. Rev. Soc. Bras. Med. Trop. , Uberaba, v. 24, n. 2, pág. 87-96, junho de 1991.

SILVA, Ageane Mota da; BERNARDE, Paulo Sérgio; ABREU, Luiz Carlos de. Acidentes com animais peçonhentos no Brasil por sexo e idade. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum., São Paulo , v. 25, n. 1, p. 54-62, 2015 .